

APRESENTAÇÃO

TIAGO JOSÉ RISI LEME¹

1) O Rosário como oração cristológica, eclesiológica e escatológica

São João Paulo II, em sua Encíclica *Rosarium Virginis Mariae*, de 16 de outubro de 2002, na qual foram instituídos os mistérios luminosos, que contemplam os eventos da vida pública de Nosso Senhor, assim definiu o Santo Rosário:

O Rosário da Virgem Maria (*Rosarium Virginis Mariae*), que ao sopro do Espírito de Deus se foi formando gradualmente no segundo Milênio, é oração amada por numerosos santos e estimulada pelo Magistério. Na sua simplicidade e profundidade, permanece, mesmo no terceiro Milênio

¹ Dedico esta tradução e esta humilde apresentação a meu pai, APARECIDO ARIIVALDO LEME, e à memória de meu tio-avô, AFFONSO RISI, e de minha avó, DIRCE GOMES MOREIRA LEME, três fiéis devotos da recitação diária do Santíssimo Rosário, no qual encontraram forças para desempenhar a missão que Deus lhes confiou neste mundo. (N.T.)

recém-iniciado, uma oração de grande significado e destinada a produzir frutos de santidade. Ela enquadra-se perfeitamente no caminho espiritual de um cristianismo que, passados dois mil anos, nada perdeu do seu frescor original [...]. O Rosário, de fato, ainda que caracterizado pela sua fisionomia mariana, no seu âmago, é oração cristológica. Na sobriedade dos seus elementos, concentra a profundidade de toda a mensagem evangélica, da qual é quase um compêndio. Nele ecoa a oração de Maria, o seu perene *Magnificat* pela obra da Encarnação redentora iniciada no seu ventre virginal. Com ele, o povo cristão frequenta a escola de Maria, para deixar-se introduzir na contemplação da beleza do rosto de Cristo e na experiência da profundidade do seu amor. Mediante o Rosário, o crente alcança a graça em abundância, como se a recebesse das mesmas mãos da Mãe do Redentor (n. 1).

Na mesma encíclica, São João Paulo II se refere ao presente livro como “uma preciosa obra sobre o Rosário” (n. 8)² e homenageia seu autor

² Apesar de seu reconhecimento como “obra preciosa” num documento do magistério pontifício, *O segredo admirável do Santíssimo Rosário para se converter e se salvar* só seria publicado pela

situando-o no rol da “multidão sem conta de santos que encontraram no Rosário um autêntico caminho de santificação” (n. 8).

O Rosário como oração cristológica é uma definição que já se encontra bem fundamentada por São Luís Maria, pois se trata de uma oração que nos leva a meditar sobre os mistérios da vida, da Paixão e morte, e da ressurreição e glória de Nosso Senhor Jesus Cristo, mistérios dos quais a Santíssima Virgem Maria participou plenamente como aquela que aceitou ser a Mãe do Filho de Deus. E Maria Santíssima foi a Mãe do Deus Encarnado desde Nazaré, onde o Espírito Santo a cobriu com sua sombra, até Belém, onde viu seu filho nascer na simplicidade de um estábulo, onde os pastores, os reis e os anjos se fizeram presentes, como prefiguração daqueles que, através dos séculos, veriam naquela criança o Príncipe da paz, Deus forte e Conselheiro admirável. Ela também

primeira vez em 1912 (ou seja, quase duzentos anos depois da morte de São Luís Maria Grignon de Montfort, depois de sua beatificação e antes de sua canonização), sob o título *Le Secret Admirable du Très Saint Rosaire pour se convertir et se sauver*. Cf. Padre Battista Cortinovis, smm, “Presentazione”, *Il segreto meraviglioso del Santo Rosario*, Camerata Picena: Editrice Shalom, 2008.

foi a Mãe do Filho de Deus na fuga para o Egito, levando na memória e no coração o grito de dor das mães que choravam seus bebês massacrados por Herodes. Ela foi a Mãe no momento da perda do menino Jesus em Jerusalém, e não deixou de procurá-lo até o encontrar. Com o Filho, a Mãe estava nas bodas de Caná; e foi pela intercessão dela que Ele antecipou sua manifestação gloriosa ao mundo, transformando a água em vinho (água que simboliza, nesse caso, nossos pecados, que são transformados pelo sangue de Cristo – sangue que Ele verteu por nós no madeiro da cruz e que hoje Ele nos dá nas espécies do pão e do vinho eucarísticos). A Mãe também se encontrava com o Filho em Jerusalém, quando estava para se consumir sua missão neste mundo. Ela sofreu com o Filho a dor infinda da agonia mortal no horto, da flagelação sangrenta, da coroação de espinhos, da subida dolorosa ao Calvário e de sua crucificação e morte. Foi do alto da cruz que o Filho a entregou a nós como nossa Mãe: agora que sua missão redentora se consumava no sacrifício perene e universal da cruz, quando o próprio Deus entregava a própria vida, Ele também entregava

sua Mãe ao discípulo amado, que simbolizava e já prefigurava todos os batizados. Por estar com o Filho na vida e na morte, Maria Santíssima também está com Ele na glória e, por graça d’Ele, também ela está hoje conosco, cumprindo, junto com o Filho, a promessa que Ele nos deixou antes de voltar para o Pai: “Eis que estarei convosco todos os dias, até o fim do mundo” (Mt 28,20).

Por tudo isso, a oração do Rosário é verdadeiramente uma oração cristológica, pois tem como ponto de partida e fundamento o mistério da Encarnação do Senhor Jesus, e como finalidade última prestar um louvor agradável a Deus Pai pela encarnação, ressurreição e ascensão de seu Filho, em virtude das quais a assunção e a coroação de Maria Santíssima como Rainha do céu e da terra são também motivo de grande alegria para todos os cristãos batizados, que cantam igualmente as glórias de Maria a cada Saudação angélica recitada com amor e gratidão.

A repetição da Ave-Maria na recitação do Rosário tem, além da capacidade de nos predispor à contemplação, colocando-nos em atitude de meditação – por meio da qual nos esvaziamos de

nós mesmos para sermos abrasados e preenchidos pelo Espírito de Deus –, a virtude de honrar não apenas a Santíssima Virgem, mas primordialmente e, acima de tudo, a Santíssima Trindade, no louvor à Encarnação do Verbo, uma vez que, pela Saudação do anjo, inaugurou-se o tempo da salvação. Nesse sentido, o Rosário também consiste numa oração trinitária, conforme São Luís Maria argumenta, ao definir a Ave-Maria como o “cântico novo” dos que professam a fé em Cristo e já prefigurado pelo cântico antigo do povo hebreu ao sair da escravidão do Egito:

O cântico novo é aquele que os cristãos cantam em ação de graças pela Encarnação e pela Redenção. Como esses prodígios foram realizados mediante a Saudação do anjo, repetimos essa mesma saudação para agradecer a Santíssima Trindade por seus benefícios inestimáveis. Louvamos Deus Pai por ter tanto amado o mundo que lhe deu seu Filho único para o salvar. Bendizemos o Filho por ter descido do céu à terra, por ter-se feito homem e por nos ter resgatado. Glorificamos o Espírito Santo por ter formado no seio da Santíssima Virgem esse corpo tão puro, que foi a vítima por nossos pecados. É nesse espírito de reconheci-

mento que devemos recitar a Saudação do anjo, produzindo atos de fé, esperança, amor e ações de graças pela grande obra de nossa salvação (n. 46).

Em tal perspectiva de uma oração cristológica e, portanto, cristocêntrica, mas também trinitária, São Luís Maria enumera como cinco os objetivos principais do Santo Rosário:

- 1) honrar as três Pessoas da Santíssima Trindade;
- 2) honrar a vida, a morte e a glória de Jesus;
- 3) imitar a Igreja triunfante, auxiliar a Igreja militante e aliviar a Igreja padecente;
- 4) imitar as três partes dos Salmos, sendo a primeira relativa à via purgativa, a segunda à via iluminativa e a terceira à via unitiva;
- 5) encher-nos de graças durante a vida, de paz na hora da morte e de glória na eternidade (n. 23).

Como podemos ver no terceiro ponto acima elencado, o Santo Rosário possui ainda uma dimensão eclesiológica, e mesmo escatológica. Eclesiológica porque nos une a toda a Igreja, principalmente à Igreja militante, dos fiéis que ainda caminham neste mundo de incertezas e tribulação, muitas vezes passando pelo vale

de lágrimas e fazendo de fato a experiência do desterro. Para ambas as experiências – a do desterro e a do vale de lágrimas –, a oração que coroa e conclui o Santo Rosário representa um alento, um refrigério, uma força, fundamentada no amor maternal da Rainha da Consolação e Nossa Senhora do Desterro. O Santo Rosário também nos une à Igreja padecente, dos fiéis que se purificam no Purgatório.³ São Luís Maria se refere com muita insistência, munido de relatos historicamente documentados, dentre os quais as crônicas da vida de São Domingos, à eficácia do Rosário para conduzir as almas do Purgatório à Luz Eterna. A dimensão escatológica por excelência do Santo Rosário está ligada ao fato de também nos unirmos à Igreja dos que já se encontram na glória, como o Bom Ladrão, a quem o Senhor prometeu, do alto da cruz, o festim dos redimidos quando estivesse em seu Reino (cf. Lc 23,43). Assim, São Luís Maria insiste na importância de rezar o Rosário em família, ou em comunidade, apoiado nas próprias palavras do Senhor, que prometeu estar presente entre

³ Cf. n. 97, 153, 159.

nós quando estivermos reunidos em seu nome, de modo que, estando Ele presente entre nós – Ele que será Tudo em todos (cf. 1Cor 15,28) –, também o céu se faz presente em nosso meio.

A história do Santo Rosário e sua configuração como a conhecemos hoje estão ligadas à aparição de Nossa Senhora a São Domingos de Gusmão (1170-1221), o pai fundador da Ordem dos Frades Pregadores e grande apóstolo do Rosário:

A Santíssima Virgem ensinou a São Domingos esse excelente método de oração, ordenando-lhe que o propagasse, a fim de despertar a piedade dos cristãos e fazer o amor de Jesus Cristo reviver em seus corações. Ela também o ensinou ao bem-aventurado Alain de la Roche (n. 61).

São Domingos pregou o Rosário particularmente na região Sul da França, onde o movimento dos cátaros, adeptos da heresia albigense, era muito forte, representando um risco para a unidade da Igreja. A heresia albigense professava um dualismo maniqueísta a partir do qual se rejeitava a matéria e o corpo como sendo do âmbito de um mal ontológico equivalentemente em oposição ao

bem. Uma das implicações dessa visão de mundo era a desconfiança em relação a tudo o que fosse corpóreo, inclusive aos sacramentos.

Muitos dos frutos e prodígios da pregação de São Domingos (como conversões, curas e exorcismos) que São Luís Maria cita na presente obra foram narrados pelo bem-aventurado Alain de la Roche (1428-1475, dominicano como São Domingos e bretão como São Luís Maria Montfort) na obra *De dignitate psalterii*, em que ele designa o Santo Rosário como o Saltério da Santíssima Virgem, numa referência ao Saltério de Davi, que é o Saltério da Liturgia das Horas, rezado por todo o clero e pelas pessoas consagradas. O Saltério de Nossa Senhora passa a ser a oração de todo o povo cristão. A propósito, São Luís Maria vai ainda mais longe, afirmando a excelência do segundo Saltério em relação ao primeiro, e justifica sua posição mediante três razões:

- 1) Pois o Saltério angélico tem um fruto mais nobre, qual seja: o Verbo encarnado, enquanto o Saltério de Davi nada mais faz do que predizê-lo;
- 2) Assim como a verdade ultrapassa a figura e o corpo a sombra, assim também o Saltério da

Santíssima Virgem ultrapassa o Saltério de Davi, que dele não foi senão a sombra e a figura;

3) Pois a Santíssima Trindade imediatamente constituiu o Saltério da Santíssima Virgem ou o Rosário do Pai-nosso e da Ave-Maria (n. 22).

São poucos os trechos em que São Luís Maria fala de sua própria experiência como pregador do Rosário. Num deles, ele se refere à virtude do Santo Rosário para obter a conversão:

Quanto a mim, que escrevo, constatei, por experiência própria, a força dessa oração para converter os corações mais endurecidos. Encontrei pessoas sobre as quais nenhuma das mais terríveis verdades pregadas numa missão havia surtido efeito, mas que, seguindo meu conselho, adotaram a prática de recitar todos os dias o Rosário, depois do que se converteram e se entregaram a Deus. Pude constatar a diferença infinita entre os costumes das pessoas de paróquias onde fiz missões, pois uns, tendo deixado a prática do terço e do Rosário, voltaram a cair no pecado, enquanto os outros, por tê-la conservado, mantiveram-se na graça de Deus e cresciam todos os dias na virtude (n. 113).

Outros frutos do Rosário são referidos por São Luís Maria. Não podemos deixar de citar os que ele transcreve em latim, a partir de Alain de la Roche, sem tradução na edição francesa:

- 1) Os pecadores obtêm o perdão; 2) Os sedentos de perfeição crescem na graça; 3) Os prisioneiros veem quebrarem seus grilhões; 4) Os que choram encontram consolo; 5) Os que são tentados encontram paz; 6) Os necessitados recebem ajuda; 7) Os religiosos se reformam; 8) Os ignorantes se instruem; 9) Os vivos triunfam sobre a vaidade; 10) Aos defuntos chega, sob a forma de sufrágio, a aguardada misericórdia.

É importante ressaltar que Nossa Senhora, em sua mais célebre aparição no século XX – Fátima, Portugal, em 1917 –, insiste sobre a importância de se rezar o Rosário – ou pelo menos o terço – todos os dias, sobretudo em família, como um meio para se alcançar a paz, não apenas a paz mundial, mas também a paz consigo mesmo, com Deus e com o próximo. Quatro dos últimos sucessores de Pedro⁴ estiveram em Fátima como

⁴ Paulo VI (13 de maio de 1967, no cinquentenário das

peregrinos, corroborando essa importante mensagem da Mãe de Deus. Outra importante aparição de Nossa Senhora intimamente ligada à devoção ao Santíssimo Rosário ocorreu em Lourdes, na França, em 1858, a Santa Bernadette Soubirous, tanto que a basílica construída em honra de Nossa Senhora em Lourdes recebeu o nome de Basilique Notre-Dame du Rosaire de Lourdes (Basílica Nossa Senhora do Rosário de Lourdes).⁵

aparições), João Paulo II (em 1982, no ano seguinte ao atentado que sofrera na praça de São Pedro, depois também em 1991 e 2000), Bento XVI (13 de maio de 2010) e Francisco (13 de maio de 2017, no centenário das aparições). Cf. “I Papi e Fatima: storia di un lungo abbraccio”, em *Famiglia Cristiana*, disponível em: <<http://www.famigliacristiana.it/articolo/i-papi-e-fatima-storia-di-un-lungo-abbraccio.aspx>>.

⁵ Em seu livro *Les Foules de Lourdes (As multidões de Lourdes, 1906)*, o célebre escritor do Naturalismo francês Karl-Joris Huysmans (1848-1907) assim descreveu a primeira aparição de Nossa Senhora a Santa Bernadette; chamamos a atenção para o fato de a Santíssima Virgem ter se manifestado segurando um Rosário: “Bernadette a viu, numa espécie de bruma luminosa, em pé, numa rachadura, em forma de ogiva, aberta no alto da rocha; ela tinha a aparência de uma jovem de dezesseis ou dezessete anos, de estatura média, ou mesmo baixa, muito bela, com uma voz doce e olhos azuis. Trajava um vestido branco, preso à cintura por um lenço azul do céu, que caía em duas bandas até os pés descalços, escondidos antes dos dedos pela base do vestido, e esses dedos estavam floridos por uma rosa amarela, toda fulgurante. A cabeça estava coberta por um véu

2) O legado de São Luís Maria Grignon de Montfort

Em seu *Discurso aos peregrinos reunidos em Roma para a canonização de Luís Maria Grignon de Montfort*, de 21 de julho de 1947, o Papa Pio XII assim se refere ao grande missionário do Santo Rosário:

A característica própria a Luís Maria, e pela qual é um autêntico bretão, é sua tenacidade perseverante em perseguir o santo ideal, o único ideal de sua vida: ganhar os homens para dá-los a Deus. Na busca desse ideal, ele lançou mão de todos os recursos que poderia receber da natureza e da graça, de modo que pôde ser verdadeiramente, em todos os campos, o apóstolo do Oeste da França. [...] A caridade: eis o grande, ou mesmo o único segredo dos resultados surpreendentes da vida tão breve, tão múltipla e movimentada de Luís Maria Grignon de Montfort. [...] A cruz de Jesus, a Mãe de Jesus: os dois polos de sua vida pessoal e de seu apostolado. E eis como essa vida, em sua brevidade, foi plena; como

e as mãos seguravam um terço cujas contas brancas estavam presas a uma pequena corrente de ouro”. (Tradução nossa, a partir da versão original disponível em: <www.huysmans.org>.)

esse apostolado, exercido durante apenas doze anos, se perpetua já há mais de dois séculos e se estende sobre muitas regiões! O fato é que a Sabedoria, à qual ele se entregou, fez frutificar seus labores, coroou seus trabalhos, que a morte certamente não interrompeu. A obra é toda de Deus, mas também traz consigo a marca daquele que foi seu fiel cooperador.⁶

São Luís Maria nasceu em Montfort, próximo a Rennes (França), em 31 de janeiro de 1673, filho mais velho de um advogado bretão. Sua primeira educação esteve a cargo dos jesuítas. Aos 19 anos, entrou no seminário Saint-Sulpice, em Paris, onde brilhou por sua inteligência e profunda piedade. Foi na escola de Saint-Sulpice que pôde se desenvolver sua grande devoção à Virgem Maria e à cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo, dois pilares de sua missão, como acenou Pio XII por ocasião de sua canonização.

Foi ordenado sacerdote em 1700, aos 27

⁶ Publicado em francês, sob o título: *Discours du Pape Pie XII aux pèlerins réunis à Rome pour la canonisation de Saint Louis-Marie Grignion de Montfort*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/pius-xii/fr/speeches/1947/documents/hf_p-xii_spe_19470721_beato-de-montfort.html>. (Tradução nossa.)